

O MINISTÉRIO
ADVENTISTA



IMITANDO A CRISTO
NO SERVIÇO

De Coração a Coração	
Somos Sacerdotes	3
Evangelismo	
O Entusiasmo da Mensagem Adventista	4
Imitando a Cristo no Serviço	6
Diante de Nós, O Desafio	8
Pastor	
Meu Testemunho Numa Universidade Jesuíta	10
Sigilo Pastoral	13
Artigos Gerais	
Está em Crise a Pregação?	15
Ministros da Justiça	18
Qualidades do Obreiro Evangélico	21
Certeza Que Permanece	22
Notas Breves	24

TODO ARTIGO ou qualquer correspondência para a revista o MINISTÉRIO ADVENTISTA, devem ser enviados para o seguinte endereço:

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

Caixa Postal, 07-1042

70000 - BRASÍLIA — DF.

Ano 42 Jul.-Ago. 1976 N.º 4

GERENTE GERAL
BERNARDO E.
SCHUENEMANN

REDATOR-CHEFE
CARLOS A. TREZZA

REDATOR-RESPONSÁVEL
OTTO S. JOAS

COLABORADOR ESPECIAL
RUBÉN PEREYRA

COLABORADORES
ENOCH DE OLIVEIRA,
JOSÉ C. BESSA
ROLF BELZ

DEPTO. DE ARTE
HENRIQUE C. KAERCHER

DIAGRAMAÇÃO
FRANCISCO MARQUES
ERLO KÖHLER

Assinatura Anual
Cr\$ 48,00
US\$ 6,00

Número Avulso
Cr\$ 8,00
US\$ 1,00

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

— Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Perelra Barreto, 42 — 09000 - Santo André, São Paulo.

Esta revista acha-se registrada na DCDP do DPF sob n.º 899 — P. 209/73

SOMOS SACERDOTES

A epístola aos Hebreus é clara: o sacerdócio aarônico era tipo do de Cristo e foi abolido com Sua morte na cruz. O véu do templo foi rasgado por mãos invisíveis e o cordeiro que estava para ser sacrificado escapou no momento em que Cristo dizia, "está consumado". (O Desejado de Todas as Nações, p. 705).

Na verdade a palavra sacerdote não nos é muito querida. Naturalmente associamo-la aos alçozes de Cristo e dos apóstolos, bem como ao sacerdócio católico com todos os abusos que a História lhe atribui.

Não obstante, a palavra sacerdote tem grande importância hoje para a igreja: o sacerdócio levítico desapareceu sucedido pelo de Melquisedeque, cujo único e puro sacerdote é Cristo, que não necessita de purificação pessoal, nem de sacrifícios permanentes, nem de constante derramamento de sangue. Ele foi o Cordeiro, o Sacerdote, o Altar e o Templo. NEle se resume tudo. Ele nos abriu "um caminho novo e vivo através do véu". (Hebreus 10:20).

Alegramo-nos em nosso grande e perfeito Sumo Sacerdote.

A reação natural e justificada contra o sacerdotalismo e o conseqüente sacramentalismo, bem como a liturgia, não deve fechar nossos olhos diante de uma das maiores e mais solenes verdades que envolvem o ministério cristão: somos sacerdotes.

Os nomes "sacerdote" e "profeta", têm na Bíblia vários significados. O profeta não só profetizava. "Era ele uma pessoa chamada de modo sobrenatural e qualificada como porta-voz que falava em lugar de Deus". "Num sentido especial era o representante oficial de Deus diante de Seu povo escolhido na Terra". O sacerdote, por sua vez, "era o representante do povo diante de Deus, Seu porta-voz e mediador". (Seventh Day Adventist Bible Dictionary, p. 879, artigo, Profeta).

O sacerdote dirigia o culto e instrua o povo com relação à vontade de Deus, trabalho que também o profeta fazia. O profeta era, essencialmente, mestre de justiça, de espiritualidade e de conduta ética; um reformador moral, portador de mensagens e instrução, conselho, admoestação, advertência... e, repetidas vezes, predizia eventos futuros. O sacerdote tinha a função especial de dirigir o cerimonial do santuário,

RUBÉN PEREYRA

presidir o culto público, ser mediador para obter o perdão dos pecados, incumbindo-se também da manutenção do ritual de boas relações entre Deus e Seu povo. (Ibid.)

Os ministros de hoje exercem funções semelhantes. Em certo sentido são profetas e também sacerdotes.

Falando deles, Ellen White os classifica como "representantes de Cristo", "mensageiros de Deus", "designados para atuar no lugar de Cristo", "subpastores de Cristo", "mordomos dos mistérios de Deus", "guardiões espirituais do povo colocado sob seu cuidado", e com muitos outros títulos e deveres. (Ver Index de Ellen G. White, artigo, Ministros).

Embora creiamos que Cristo é o único Sumo Sacerdote e que o caminho para o Céu é somente através dEle, cremos também que o ministro mostra ao pecador esse caminho. Nesse sentido é também sacerdote.

O ministro de hoje, bem como o sacerdote e o profeta fiéis, são mensageiros de Deus para cumprir a mesma missão.

"Em todos os períodos da história terrestre, Deus tem tido Seus homens da oportunidade, aos quais disse: 'Vós sois as Minhas testemunhas. ... Enoque, Noé, Moisés e Daniel e a longa lista de patriarcas e profetas foram ministros da justiça. ... Desde Sua ascensão, Cristo, a grande Cabeça da igreja, tem levado avante Sua obra no mundo mediante embaixadores escolhidos, por meio dos quais fala aos filhos dos homens, e ministra-lhes às necessidades". — Obreiros Evangélicos, p. 13.

Somos, portanto, profetas e sacerdotes no sentido mais amplo do termo. Nossa missão então não é apenas "administrar", mas também "ministrar". Mudou o sacerdócio mas não a santidade da obra.

Há, na vida do ministro, momentos em que sua qualidade de sacerdote pode ser vista mais profundamente. Quando está à mesa da comunhão, encontra-se em lugar santo. Não se pode, portanto, presidir à mesa do Senhor sem a certeza da presença real de Cristo entre os adoradores. Não é a comunhão uma cena. É um encontro com o eterno. O sacramento católico da eucaristia difere da comunhão adventista. O sacerdote católico crê que algo sobrenatural sucede no momento da consagração: a transubstanciação. Para nós não há transformação milagrosa nos emblemas. Não obstante, os ministros oficiantes e os que participam devem ver ali, na mesa, o símbolo mais sagrado do evangelho, a cruz, com seus méritos, e a segunda vinda com sua grandeza.

O ministro estará fazendo com que Cristo Se torne conhecido de Seus adoradores. Que missão sacerdotal maravilhosa!

Que faz o ministro adventista ao batizar um crente? A união à comunidade da igreja é apenas o significado externo do batismo. O importante é sua união com a família de Deus da qual foi excluído pelo pecado. O batismo é símbolo do maior

(Continua na p. 12)

O ENTUSIASMO DA MENSAGEM ADVENTISTA

Uma olhadela para os milhões da população mundial de hoje, pode trazer desânimo a quantos crêem que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem uma mensagem a transmitir ao mundo. O cristianismo em geral está perdendo terreno em vez de ganhá-lo entre as religiões do mundo, falando em números, e os adventistas podem ser considerados como uma gota no balde entre os cristãos em geral. Havendo mais que triplicado a população mundial, desde que começamos nossa história como povo, alguém poderia pensar que estamos fazendo frente hoje a uma tarefa tão incômoda como a que tiveram que enfrentar os pioneiros para admoestar o mundo.

Como adventistas somos obrigados a reconhecer que nossa mensagem não tem alcançado as massas em nenhuma parte do mundo. Mesmo a maioria que vive nas grandes cidades nem sequer sabe que existimos, tampouco têm uma idéia do que temos de dizer ao mundo neste tempo!

Não fosse a segurança que nos é dada pelas porções proféticas da Palavra de Deus e as declarações da mensageira do Senhor, não teríamos fundamento algum para crer que temos uma mensagem que o mundo deve ouvir. Mas é segura a promessa de Apocalipse 14:6 de que o Evangelho eterno será pregado a toda nação, tribo, língua e povo, em harmonia com a ordem original de Cristo à Igreja. Temos também a mensagem

GORDON
M. HYDE

de Apocalipse 18:1. Esta é a mensagem de outro anjo que descendo do céu com grande poder ilumina a Terra com sua glória.

A todas as nações que têm bebido do vinho de Babilônia o Céu estende o convite: "Retirai-vos dela, povo Meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos". (V. 4).

Cada Posição de Nossa Fé Será Examinada

Numa carta escrita por Ellen G. White, em 1886, temos a seguinte declaração animadora: "Nosso povo tem sido considerado insignificante para ser tomado em conta; mas virá uma mudança. O mundo cristão realiza agora movimentos que necessariamente darão realce ao povo que guarda os mandamentos. ... Cada posição de nossa fé será examinada; e se não somos profundos estudiosos da Bíblia, fundamentados, fortalecidos e estabelecidos, a sacudidura dos grandes homens do mundo nos desviará do caminho". — *Testimonies*, Vol. 5, p. 546.

Creemos que os adventistas do sétimo dia se constituem — apesar de sua imperfeita condição laodicense do presente — um testemunho final e especial de Deus ao mundo de hoje, em tempos que antecedem o fim de todas as coisas; portanto, temos uma mensagem única e final a ser transmitida da parte de Deus.

Também cremos que apesar de algumas premissas defeituosas, algumas deduções pouco cuidadosas, e incorretas interpretações, bem como diferenças e incongruências teológicas, os homens e as mulheres que se apegaram ao movimento de 1844, emergiram de seu desapontamento com os sinais de identificação do sábado, e com a verdade do santuário e do Espírito de Profecia. Estas verdades foram se tornando mais claras até que se formasse a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Foram elas e continuam

sendo o conduto através do qual os adventistas proclamaram e continuam proclamando as mensagens sucessivas dos três anjos de Apocalipse 14, e daquele outro anjo de Apocalipse 18. No passado os discípulos imediatos a Cristo, foram testemunhas de Sua majestade e condutos pelos quais devia-se dar, naqueles dias, a mensagem de redenção para o mundo.

A forte convicção da certeza desta verdade exige que os adventistas do sétimo dia apresentem hoje ao mundo precisamente as mesmas mensagens proféticas que os chamaram à existência. Estas mensagens também indicam que nos foi dada a responsabilidade de começar o "forte clamor" da mensagem do terceiro anjo, simbolizado pela obra do "outro anjo" de Apocalipse 18. Sem dúvida é necessário que a igreja encontre a maneira de expressar estas mensagens mediante um linguajar e uma experiência que chamem a atenção de todos em nossos dias, enquanto a mensagem deve permanecer invariável.

Os argumentos que apóiam esta posição são de ordem tanto histórica como teológica. Um povo especial foi chamado à existência, historicamente, como resultado da proclamação e compreensão teológica de uma porção da Bíblia.

Nosso Movimento em Perspectiva

Estando na posição atual, vantajosa, que nos permite lançar um olhar retrospectivo sobre o caminho percorrido pelo movimento adventista, podemos ver que uma vez terminado o tempo em que se foi formulando o corpo de nossas doutrinas, as posições cardiais do movimento adventista haviam sido estabelecidas. A seguir, um grande acontecimento de caráter histórico profético e teológico, na experiência dos adventistas do sétimo dia, foi o Congresso da Associação Geral em 1888 em Minneapolis e a mensagem a que se deu realce naquela oportunidade.

Sendo que as mensagens dos três

anjos de Apocalipse 14, como a mensagem do outro anjo de Apocalipse 18, apontam para a segunda vinda de Cristo e culminam com a colheita da Terra e exaltação dos santos, bem como com a destruição dos incrédulos, não há razão para mudar a maneira entusiasta de programar a mensagem que os adventistas estão dando ao mundo até que termine tudo.

Não é necessário repetir aqui a importância das mensagens que se destacaram em 1888, tais como a *Justificação pela Fé, Cristo Justiça Nossa* e *A Santificação*. Outros autores têm cumprido esta tarefa de uma forma admirável e adequada. Cabe, pois, observar, que o mesmo espírito de profecia que nos conduziu através de obstáculos e entre disputas que desagregam e destroem, levando-nos a uma situação de relativa unidade e calma durante 40 anos seguintes, apresenta, incondicionalmente, a mensagem de 1888. Também fala desta mensagem como o começo da voz daquele outro anjo de Apocalipse 18, que ilumina a Terra com sua glória.

Campeões da Justificação Pela Fé

Os dirigentes receberam claras instruções de que a mensagem de 1888 não devia ser apresentada como uma mensagem nova, senão como uma mensagem de recuperação daquilo que o remanescente havia perdido de vista, a saber, Cristo, nossa justiça. Esta compreensão essencial encontra apoio na mensagem pronunciada pelo anjo de Apocalipse 18 e os três anjos de Apocalipse 14. Não se trata de uma mudança de mensagem, mas, sim, de uma repetição da mensagem e de uma renovada ênfase que lhe é dada. Acaso não podemos ver hoje, que havendo os líderes cristãos abandonado a fé na divindade de Cristo e na eficácia de Sua expiação, surgiram os adventistas do sétimo dia como campeões da fé entregue aos santos e campeões da lei e da ordem, baseados nos Mandamentos de Deus num tempo de ilegalidade sem precedentes?

(Continua na p. 8)

IMITANDO A CRISTO NO SERVIÇO

Se a vida do Mestre ofereceu um contraste perturbador junto à sociedade de Seus dias, oferece à sociedade de hoje maior contraste. Sua vida de serviço foi e é uma reprovacão ao egoísmo, ao amor próprio e ao desejo de mando e exaltação.

O Criador imprimiu nas coisas criadas a suprema e universal lei do serviço. Os pássaros cantariam, as flores soltariam perfume, as árvores purificariam o ar, o Sol iluminaria o dia, a Lua e as estrelas a noite, etc.

Somente o homem recusa a lei suprema do serviço ao próximo.

A roda do moinho deixará de girar quando as águas da corrente impetuosa forem estagnadas, e o comboio em movimento pára quando o calor abrasante arrefece dentro da fornalha escondida. Assim também a caridade neste mundo degenera em frios regulamentos profissionais, em estatísticas sem inspiração, sem eficácia e sem amor. Isso acontece por esquecerem os homens as palavras inspiradas d'Aquele que disse: "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos". S. Marcos 10:45.

Os presunçosos e arrogantes procuram, na maioria das vezes, fazer sentir aos inferiores o peso total de sua miserável importância, e assim, cedo ou tarde, o orgulho degenera em tirania. Mas quando há vontade em servir, há também submissão do EU para que os nossos semelhantes sejam exaltados.

"Cristo estava estabelecendo um reino sobre princípios diversos. Chamava os homens, não à autoridade,

mas ao serviço, os fortes a sofrer as fraquezas dos fracos. Poder, posição, talento, educação, colocavam seus possuidores sob maior dever de servir aos semelhantes". — DTN, p. 409.

"No reino de Cristo não há nenhuma orgulhosa opressão, nenhuma obrigatoriedade de costumes. Os anjos do Céu não vêm à Terra para mandar, exigir homenagens, mas como mensageiros da misericórdia, a fim de cooperar com os homens em erguer a humanidade". — *Idem*, p. 410.

Outras citações do Espírito de Profecia reforçam o pensamento que põe em relevo o valor do serviço abnegado. Diz ainda a senhora White: "Um dos derradeiros atos de Sua vida na Terra foi cingir-Se como servo, e desempenhar a parte de servo". — DTN, p. 483.

Ele se fez servo de todos. Esvaziou-Se de Si mesmo.

O individualista odeia, levanta muros. O comunitário ama, constrói pontes. Muros separam, pontes aproximam, unem. O individualista, se pudesse, optaria por viver sozinho, como dono absoluto do mundo.

O imperador Nero, de Roma, afirmou certa ocasião: "É uma lástima que a humanidade inteira não tenha uma única cabeça... para decepá-la de um golpe". Nero foi a personificação clássica do egoísmo consumado, do individualista pervertido.

Teríamos muita coisa a dizer sobre os serviços prestados por Cristo, dignos de serem imitados por nós. Em Sua maneira de comunicar-Se com as pessoas está envolvida profunda lição espiritual para todos os Seus obreiros. Ele não negligenciou o leproso, tampouco o cego à beira do caminho; o rico fariseu teve a atenção de Cristo voltada para ele, bem como o cobrador de impostos. Uma multidão cansada e faminta pôde ter nele plena confiança. Um paraplético, um surdo, um mudo, um endemoninhado, mães aflitas, etc., tiveram respostas a todos os seus sofrimentos. Ele veio para servir e dar a Sua vida.

O que guarda a Lei este é feliz. A Lei ensina amar. Amar e servir são virtudes que não podem separar-se. O cristianismo autêntico consiste em prestar serviços. É servir bem, servir como Cristo serviu.

JOSÉ
C. BESSA

(Secretário
do
Departamento
Ministerial da
USB)

Ninguém que não esteja crescendo diariamente em capacidade e utilidade estará cumprindo o propósito da vida.

Se Cristo estivesse entre nós, em pessoa, e visitasse hoje nossas igrejas, nossos hospitais e colégios, e outras instituições, não há dúvida de que pronunciaria, com igual sabedoria, a parábola do Bom Samaritano, condenando o profissionalismo e o funcionalismo adventistas.

Nos corredores de nossas escolas, nos leitos de nossos hospitais e nos assentos de nossas igrejas há almas assaltadas, corações feridos à espera de alguém que lhes estenda a mão amiga.

Quando, em 1922, nossa Faculdade de Teologia em São Paulo, entregava ao campo brasileiro a sua primeira turma de formandos, os canhões haviam silenciado fazia pouco tempo. "Eram tempos estranhos aqueles, para a geração que havia nascido durante a primeira conflagração. Os jovens cresciam olhando o mundo entre perplexos e esperançosos. A carnificina das trincheiras levava-os a crer em dias melhores. A luta desencadeada em 1914 seria o último conflito entre as nações, 'uma guerra para acabar com as guerras'. O panorama universal oferecia um espetáculo diferente. As transformações se sucediam. O idealismo criara a Sociedade das Nações, destinada a promover a felicidade dos povos e a dirimir as contendas armadas. Haveria uma paz sem vencidos ou vencedores. Instituiu-se a Organização Internacional do Trabalho. Promulgavam-se leis de amparo ao trabalhador. Os costumes modificavam-se. Parecia que o mundo novo como que cortava os laços com o antigo. Acreditava-se no início de uma nova fase da história contemporânea. A grande guerra praticamente demonstrara que a civilização não se compunha apenas de elementos materiais e que, sem os valores morais, o mundo recairia na barbárie, perdendo-se o patrimônio intelectual da humanidade". — *O Estado de São Paulo*, 30/10/75.

Ao saírem aqueles jovens recém-formados, a fim de dedicar-se à pregação, o verde da esperança encontrava-se em cada coração. Eles deveriam pregar a mensagem contida no capítulo 24 de São Mateus: "Ou-

vireis falar de guerras e rumores de guerras". Nações estariam lutando contra nações e reinos contra reinos. E assim tem sido. Hoje, nossas instituições de ensino enviam novas turmas. Que irão encontrar? Ora, a paisagem é sombria, triste, melancólica! O próprio ar está poluído. Poluídos estão também os homens. A Terra está devastada e saqueada. Pranteia e se murcha. Os mensageiros da paz choram amargamente e desmaiam de terror.

Físicos, químicos, apologistas e filósofos são os pregadores do Apocalipse. Profetizam a extinção da vida. O fim do mundo é estudado nos laboratórios mais sofisticados. Há violência, marginalidade e muita conformação com coisas erradas.

Ora, dentro deste contexto fúnebre, a Igreja deve pregar a mensagem de esperança.

Se queremos imitar a Cristo em nosso serviço, devemos trocar nossa vontade pela vontade de Deus. Desta forma Ele trocará nossa miserável força por Sua onipotência infinita.

"A obra da edificação do reino de Cristo irá avante, se bem que, segundo todas as aparências, caminhe devagar, e as impossibilidades pareçam testificar contra o seu progresso. A obra é de Deus, e Ele fornecerá meios e enviará auxiliares, sinceros e fervorosos discípulos, cujas mãos também estarão cheias de alimento para as famintas multidões. Deus não Se esquece dos que trabalham com amor para levar a palavra da vida a almas prestes a perecer". . . .

Deixo convosco o segredo da grandeza: "O princípio da grandeza é tornar-se pequeno. O aumento da grandeza é tornar-se menor. E a perfeição da grandeza é não ser nada".

"Os mais inteligentes, os mais bem dotados espiritualmente, só podem comunicar, à medida que recebem. Não podem, de si mesmos, suprir coisa alguma às necessidades da alma. Só podemos transmitir aquilo que recebemos de Cristo; e só o podemos receber à medida que o comunicamos aos outros. À proporção que continuamos a dar, continuamos a receber; e quanto mais damos, tanto mais havemos de receber. Assim estaremos de contínuo crendo, confiando, recebendo e transmitindo". — *DTN*, p. 275.

O Entusiasmo da ...

(Continuação da p. 5)

Se a mensagem que os adventistas insistem em pregar hoje é outra em substituição da mensagem de Apocalipse 14 e 18, perdeu-se, então, a razão da nossa existência como igreja. É realmente emocionante ver que no desenvolvimento da providência celestial, surgimos como campeões do evangelho da justificação pela fé e como campeões da perfeita lei de justiça, fundamento do governo de Deus.

Até onde nos foi possível averiguar, somos os únicos identificados com a mensagem dos três anjos. Todos os outros aspectos de nossas posições em matéria de doutrinas e conceitos teológicos são compartilhados pela maioria ou pelo menos por alguns dos grupos cristãos evangélicos. E entre estes grupos cristãos deve haver centenas de milhares que estarão abismados ao notarem como se faz uma traição à fé em sua própria comunhão. Mediante a providência de Deus devemos erguer uma bandeira e acender uma tocha, às quais essas almas desorientadas possam dirigir-se para renovar sua confiança e sua fé no Senhor Jesus Cristo.

O que devemos perguntar não é tanto sobre que daríamos realce a nossa mensagem hoje. Isto poder ser descoberto com facilidade se forem aceitas as premissas expostas até aqui. A pergunta muito mais importante é sobre a maneira como podemos hoje entregar esta mensagem ao mundo. Não há dúvida de que é hora de a igreja investir seu tempo, seus recursos e seus homens numa entrega feita com oração, com diligência e fervor, a fim de advertir o mundo condenado a uma iminente destruição e, ao mesmo tempo, convidado a arrepender-se para ser redimido e salvo.

8 JULHO-AGOSTO

ENTRAR EM LUGARE DIANTE

Indubitavelmente, o maior desafio evangelístico que sempre se impôs ao povo de Deus, é a penetração da mensagem em novas cidades e territórios.

Cada cidade pequena ou grande, cada vila ou aldeia, cada família isolada, e mesmo cada indivíduo, que ainda se encontra nas trevas, tem que ser um estímulo na consciência da igreja, que não pode parar enquanto não vir a obra concluída.

A grandiosa missão de S. Mateus 24:14, precisa estar sempre diante de nós. Momento a momento temos que sentir esta incumbência pesando em nossos ombros. Como indivíduos e como igreja, não podemos nos acomodar, principalmente na hora em que vivemos, e quedarmos indiferentes diante do que há para ser feito, ou satisfeitos pelo que já fizemos.

Temos que nos *conscientizar* de que Jesus precisa vir logo, mas que só o fará quando a Obra for concluída. Se somos sinceros, se vivemos nossa profissão de fé, se estamos na igreja não apenas para fazer número, sentiremos o clamor chegando de todos os lados: "passa à Macedônia e ajuda-nos". Sentiremos também que somos os únicos que podem prestar uma ajuda eficaz, e que se não o fizermos o sangue será requerido de nossas mãos.

Fico a pensar em quantas cidades têm enviado aos Céus este clamor. Aliás toda cidade emite dois tipos de clamores. Um é este ao qual estamos referindo. O outro é o clamor do pecado. Falando de Sodoma e Gomorra, Deus disse: "Com efeito, o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado e o seu pecado se tem agravado muito". (Gên. 18:20) Mas o clamor do pecado não foi tão forte que encobrisse o clamor de salvação, provindo de almas sinceras. Ló e

NOVOS

DE NÓS, O DESAFIO

suas filhas foram salvos da destruição. (Veja II Pedro 2:7 e 8)

Assim cada cidade tem enviado a Deus um clamor de pecados; algumas mais forte, outras mais fraco. E a condenação impende sobre elas, como aconteceu a Sodoma. "As cidades modernas estão rapidamente se transformando em Sodomas e Górras". — *Test. Seletos*, Vol. 3, p. 326. "Tenho ordem de declarar a mensagem, dizendo que as cidades onde reina a transgressão, extremamente pecadoras, serão destruídas por terremotos, pelo fogo ou pelo dilúvio". — *Evangelismo*, p. 27.

É certo que muitas destas cidades continuam de pé porque o clamor por salvação provindo de milhares de seus habitantes tem também chegado a Deus.

Mas aqui está uma declaração que nos estarrece: "Deus não pode ter paciência por muito mais tempo". — *Test. Seletos*, Vol. 3, p. 33.

Que faremos? Não sentimos o peso da responsabilidade? "Frequentemente nos é dito que nossas cidades devem ouvir a mensagem, mas quão vagarosos somos quanto a atender a esta recomendação! "Vi alguém de pé numa alta plataforma, com os braços estendidos. Ele se virou e apontou para todas as direções, dizendo: 'Um mundo a perecer na ignorância quanto à lei de Deus, e os Adventistas do Sétimo Dia estão dormindo!'" — *Evangelismo*, p. 32.

"Repito, irmãos, o sangue será requerido de nossas mãos. Não será agora o momento exato de nos levantarmos e penetrarmos nestes centros que desconhecem a verdade que possuímos? Devemos nós esperar que os habitantes dessas cidades venham ter conosco e digam: 'Se quiserem vir a nós e pregar, nós os ajudaremos a fazer isto e aquilo?'" — *Idem*, p. 16.

JOSÉ CARLOS RAMOS

Que ótimo, se neste ano, cada igreja abrisse o trabalho em novo local! Se famílias, dentro evidentemente de suas possibilidades, se mudassem para locais onde ainda a verdade não penetrou, e servissem de luz para iluminar almas sinceras, cumprindo assim o que diz o Espírito de Profecia! Se igrejas estivessem tão bem organizadas e consagradas ao Senhor que pudessem se manter e prosperar ao mesmo tempo que outorgassem 3, 4 ou mesmo 5 meses ao pastor, para que este levantasse uma nova igreja em uma nova cidade! Que fossem um pouco mais longe, até mesmo subvencionando uma série de conferências em cidade vizinha, independentemente de verbas providas da Associação! Ou então que grupos de membros se deslocassem para estas cidades, formando pontos de pregação e levando almas à decisão!

Pode isto parecer um sonho a alguns. Mas na verdade é a grande meta que Deus coloca diante de Sua Igreja. "O egoísmo de manter grandes grupos reunidos não é o plano do Senhor. Entraí em cada novo lugar que seja possível. . . . Chegou o tempo de ser feito muito trabalho intenso nas cidades e em todos os campos negligenciados e não trabalhados". — *Idem*, pp. 47, 59.

"Chegou o tempo". A Sra. White tem razão. Agora é o tempo de avançar. Não podemos deixar para depois porque "aproxima-se o tempo em que se formularão leis que fecharão as portas que agora estão abertas à mensagem". — *Idem*, p. 33.

Diante de nós, o grande desafio. Aceitaremos o repto ou nos acovardaremos? Continuaremos contentes com migalhas ou partiremos para as grandes conquistas do Senhor?

Responda já. O tempo é agora. Não deixe para amanhã.

(Evangelista
Ass. Rio-Minas)

MEU TESTEMUNHO NUMA UNIVERSIDADE JESUÍTA

A sexta-feira de 14 de junho de 1974 foi uma data importante para mim. Nesse dia a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma concedeu-me o doutorado em História Eclesiástica *magna eum laude*. Foi a primeira vez em sua história de 430 anos, que a universidade concedia um título tal a um não católico.

O motivo que me levou a escolher a Gregoriana com o objetivo de conseguir o doutorado, foi simplesmente o sincero anelo de ter uma visão dentro do catolicismo romano. É provável que alguns tenham interesse em saber que a maioria dos papas, cardeais e bispos da Igreja Católica Romana receberam algum preparo na Gregoriana.

Sentado ao lado de sacerdotes e frades católicos de todo o mundo, foi para mim uma experiência singular. Senti-me, no início, um tanto apreensivo, mas logo nos tornamos bem relacionados. Quanto a mim me parecia ser para eles objeto de muita curiosidade, pois eu era o primeiro aluno não católico que assistia regularmente às aulas na universidade. Não raras vezes discutíamos pontos teológicos e sempre que eu tentava definir a posição de nossa igreja com relação a certas doutrinas, ou práticas, meus companheiros sentiam que nossa igreja, em muitos pontos, estava dando um exemplo digno de ser imitado.

Fiquei impressionado com o fato de que o Concílio Vaticano II tem favorecido a adaptação da igreja ao tempo presente. Mas esta não tem sido uma tarefa fácil numa instituição como a Igreja Católica com séculos de tradição. Por exemplo, um dos problemas se prende à maneira como animar a participação do leigo na leitura da Bíblia numa igreja em

DR. SAMUEL
BACCHIOC-
CHI

que até há pouco tempo o católico era um simples espectador, sendo desencorajado à leitura da Bíblia. Esse é o problema de muitos clérigos católicos hoje. Quando falava com os meus companheiros sobre as práticas e os métodos da Igreja Adventista, não raras vezes ficavam admirados. Cheguei mesmo a levar alguns sacerdotes à nossa igreja localizada em Roma (perto da Via Appia), e os fiz participar de nossas classes de Escola Sabatina. Lembro-me de haver um deles dito o seguinte: "Gostaria que algo dessa natureza fosse introduzido em nossa igreja. ..."

Depois de três anos de agradável companheirismo, nossa classe de graduandos resolveu fazer uma festa de despedida. O problema era onde fazê-la. Sugerí a meus companheiros que se não tivessem medo de ser excomungados, seriam bem recebidos em minha casa. Depois de alguns instantes de vacilação, aceitaram meu oferecimento, proporcionando-me, desta forma, o prazer de dar as boas-vindas a uns quinze sacerdotes católicos de aproximadamente dez países. Tive momentos agradáveis em que conversamos e cantamos. Mas, quando chegou o momento de despedir-nos, cada companheiro pediu-me uma cópia autografada de minha tese. Eu havia escrito sobre a observância do domingo. Como podem imaginar, eu havia feito ampla provisão para satisfazer a todos.

Talvez devesse explicar como escolhi o meu tema. Fazia apenas uma semana de permanência na Gregoriana, quando vi em exposição entre muitas obras eruditas publicadas pela universidade, uma dissertação doctoral que tratava do assunto da origem da observância do domingo. O autor, C. S. Mosna, era um jesuíta

(Professor
Adjunto de
História
Eclesiástica
na
Universidade
de Andrews)

ex-aluno do Departamento de História Eclesiástica da Gregoriana. Havia feito sua investigação sob o patrocínio de P. V. Monachino, meu principal professor, especialista em história da igreja primitiva.

Li com sofreguidão a monografia de Mosna sobre a origem da observância do domingo e aborreci-me a intenção do autor em justificar a observância do primeiro dia da semana como criação da igreja apostólica. Defendia-se a tese de que os apóstolos escolheram o primeiro dia da semana como novo dia de culto para a comunidade cristã, a fim de comemorar com a cena eucarística, o grande sucesso da ressurreição. A mesma tese é defendida amplamente pelos protestantes eruditos. Por exemplo, em sua notável monografia, W. Rordorf trata, da mesma forma, brilhante e especulativa, do assunto sobre a origem do domingo, afirmando tratar-se de uma criação do tempo dos apóstolos e da comunidade cristã de Jerusalém. Acentua que as aparições de Cristo na noite de domingo, mais que a ressurreição, constituem o ponto teológico de partida para a instituição daquele dia.

Investigação Com Rigor Científico

Mostrei a necessidade de empreender a investigação com rigor e metodologia científicos, a fim de averiguar a verdadeira origem da observância do domingo, e, assim, indiretamente, confirmar a validade do mandamento do sábado e sua observância pelos primeiros cristãos. Quando propus a meu principal professor, como tema para a minha tese doutoral, investigar o tempo e as causas da origem da observância do domingo, sua reação foi dizer-me que o problema havia sido amplamente discutido em tempos recentes. Com efeito foram-me mencionadas algumas dessas doutrinas e alguns artigos eruditos que têm aparecido nos últimos quinze anos, além da tese doutoral de Mosna que o próprio professor havia acompanhado. Percebi que algumas conclusões estavam baseadas numa análise unilateral e que, portanto, justificava-se uma nova investigação. Com uma advertência a fim de que eu fosse cauteloso, foi-me permitido decidir sobre o assunto, não me esquecendo de que o trabalho devia ser baseado numa aná-

lise atual de fontes fidedignas. Aceitei a advertência como uma indicação positiva de que Deus me havia dado um oportunidade de empreender uma investigação que atrairia a atenção para a validade do assunto sobre o sábado, sendo, desta forma, alcançada uma vitória para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Entreguei-me ao trabalho com entusiasmo e decisão, e durante os dois anos em que lutei com o problema, houve momentos de gozo e satisfação, como também de depressão e incerteza. Embora soubesse que eu era o objetivo na análise das fontes, sempre achei que minhas conclusões lançariam por terra algumas das recentes tomadas de posições católicas sobre o assunto. Alguns irão sorrir se eu lhes disser que não me apressei a comprar a passagem aérea, nem a fazer qualquer reserva para ir à Universidade de Andrews, senão depois de 14 de junho — data para mim historicamente denominada “o dia de minha defesa”.

14 de junho de 1974 foi sexta-feira, ótimo dia para encerrar uma investigação sobre o dia de descanso e de culto da igreja cristã. O ambiente na aula de defesa era solene. O tapete vermelho, as cadeiras, etc., e, sobretudo, a presença dos cinco jesuítas sentados à mesa examinadora, tornavam-me muito consciente da solenidade do momento. A presença de muitos amigos adventistas e de vários pastores era motivo de grande ânimo. Havia ali também alguns não adventistas. Um adventista viajou de carro 40 quilômetros, desde o aeroporto onde trabalhava a fim de trazer um amigo interessado em nossa mensagem. Compreendi que não se tratava apenas de uma apresentação de minha tese, mas, sim, de um testemunho da verdade do sábado na mais elevada instituição de ensino da Igreja Católica Romana. Como Lutero, o meu pensamento foi: “aqui estou; que Deus me ajude”.

O Exame Oral

Apresentei uma tese dos métodos, a matéria e as conclusões de minha investigação, em aproximadamente uma hora, e logo coube a um dos dois censores o momento de falar. Eles haviam passado várias semanas examinando minha tese e, agora, numa forma amistosa, apresentaram sua

apreciação fazendo-me perguntas sobre determinados pontos. Suas observações foram muito elogiosas. A seguir faço citações de algumas linhas que traduzem a apreciação de meu principal professor, mas gostaria que suas palavras não fossem consideradas tanto como uma felicitação a mim, senão como um reconhecimento da verdade do sábado. Disse ele:

“A tese do Dr. Bacchiocchi é uma importante contribuição a um tema de grande atualidade, como revelam os muitos estudos científicos sobre o assunto nos últimos trinta anos, e as teses doutorais dos últimos quinze anos. O trabalho foi bem estruturado e levado a cabo com metodologia científica. Foi uma análise cuidadosa das fontes disponíveis e está sustentado por uma grande quantidade de informações e discussões baseadas numa vasta bibliografia especializada”. Comentando mais tarde sobre a parte da tese que trata dos fatores que se relacionam com a origem da observância do domingo, disse: “Têm sido avaliados, prudentemente, de acordo com o seu valor”. Sem dúvida, entre tantas felicitações, também havia algumas reservas, mas posso dizer, com toda franqueza, que a maioria das conclusões foram amplamente aceitas. As palavras mais admiráveis foram pronunciadas pelo segundo censor. Começou dizendo: “Devemos reconhecer que foi preciso um gesto de coragem para escolher um tema tão delicado e controverso. No entanto, temos de admitir que o problema foi tratado com muita atenção”.

Em suas observações finais logo expressou o que eu considerei o testemunho mais impressionante em favor do sábado: “Hoje é sexta-feira, um dia apropriado para concluir uma tese sobre o Dia do Senhor. E agora, depois de tudo o que foi dito sobre o sábado, a única coisa que nos resta é desejar a Samuel Bacchiocchi um bom sábado santo de repouso”.

Senti-me emocionado ao ouvir estas palavras, especialmente por que foram pronunciadas por um jesuíta erudito. Para mim valiam mais que as medalhas de prata e de ouro que me concederam pela distinção acadêmica de meu trabalho.

Review and Herald, 20 de fevereiro de 1975. — Pp. 4 e 5.

Somos Sacerdotes

(Continuação da p. 3)

milagre: a regeneração da alma. Há membros que o entendem e há quem não. Há ministros que o entendem e há os que não o entendem. Há ministros que ao entrar no batistério apenas em cumprimento de um trabalho que lhes compete fazer como empregados da organização, têm um alvo numérico a alcançar. Felizmente são poucos os tais. A maioria entra no batistério possuídos de um sentimento divino, com a consciência de que estão diante de algo sagrado. Essa convicção e essa certeza serão transmitidas aos catecúmenos que entraram na água com reverência e com humildade, como estando na presença do Senhor dos Céus.

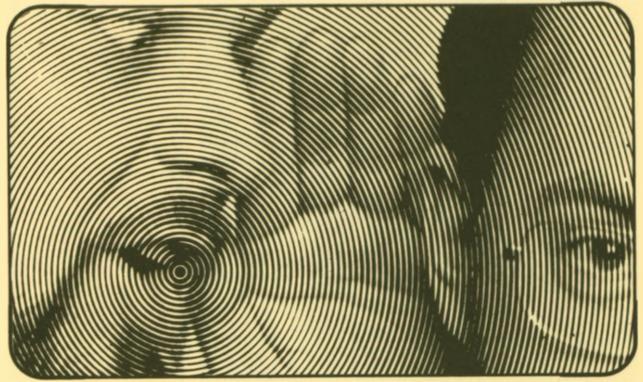
Batismo, comunhão, cerimônia de matrimônio, tudo, enfim, traz santidade. Não há sacramentalismo, nem liturgia milagrosa, mas há reverência e percepção do transcendente.

Mesmo em outras funções ministeriais diferentes, como a assistência a um funeral, ou a visita a um enfermo, há missão sacerdotal. O consolo que o ministro leva aos doentes não tem a sua origem na psicologia ou sociologia. Mas o consolo virá da “bem-aventurada esperança” (Tito 2:13), que é como uma firme âncora da alma”. (Hebreus 6:18, 19). Sua missão é pôr a alma aflita em contato com Deus, fazendo a obra de sacerdote e profeta. O drama de um funeral pode ser enorme. A morte de um ente querido — uma só pessoa — tem para esse aflito uma gravidade infinitamente maior que os 200.000 vietnamitas que morreram nas guerras de seu país, ou os 17.000 mortos em virtude de um terremoto num país distante. O ministro não pode usar a rotina profissional num caso semelhante a este. Terá que erguer o aflito ao trono de Deus em busca de paz e consolo. Essa é tarefa sacerdotal.

Enfim, ao pregar, ao dar um estudo bíblico, ao aconselhar a um jovem, a um alcoólatra, a um estudante, etc.; simplesmente ao preparar um sermão, em tudo que fizer, como ministro, ele é um mediador entre Deus e o homem. Não por que tenha capacidade de ser ele mesmo um vínculo de união, mas, sim, por que pode levar o crente à presença de Deus.

Estimado ministro: Sabe você que a igreja nota a diferença entre um ministro sacerdote e profeta e um simples empregado? Sabe que nos frutos também se nota essa diferença? Ainda mais: Sabe você que o ministro ministro, é muito mais feliz no ministério que aquele que não o é? Está experimentando, já, você, o gozo do grande privilégio que significa ser um “mordomo dos mistérios de Deus?” — Obreiros Evangélicos, p. 115.

SIGILO PASTORAL



“Há tempo de estar calado, e tempo de falar”. (1)

Quando uma pessoa está desorientada na vida por problemas de ordem legal, vai logo ao advogado. Este, por sua vez, mantém o segredo que o caso requer, não fugindo à ética, conforme consta no Código de Ética: Art. 87, § V — “Guardar Sigilo Profissional”. (2)

Se o problema for de ordem física, a pessoa indicada é o médico. Que seria se o médico contasse aos outros os problemas íntimos de seus clientes? Mas a confiança dos clientes é tão grande, que não se preocupam em lhe fazer recomendações, visto saberem que o médico é, sem dúvida, uma pessoa idônea e conscienciosa. Mas há também o Código de Ética dos médicos, cujos artigos passamos a transcrever:

Art. 36 — “O médico está obrigado, pela ética e pela Lei, a guardar segredo sobre fatos de que tenha conhecimento por ter visto, ouvido ou deduzido no exercício de sua atividade profissional, ficando na mesma obrigação todos os seus auxiliares”.

Art. 37 — “O médico não revelará, como testemunha, fatos de que tenha conhecimento no exercício de sua profissão; mas, intimado a prestar depoimento, em caso dessa natureza, deve comparecer perante a autoridade que o mandou intimar para declarar-lhe que está ligado à obrigação do segredo profissional”. (3) As exceções são poucas e muito justas.

Art. 144 — “Ninguém pode ser obrigado a depor fatos a cujo respeito, por estado ou profissão, deve guardar segredo”. (4)

Se a pessoa professa a fé Católica Romana e tem problemas que afetam

J. NAZARETH
BRONZE

sua vida espiritual, vai ao padre confessar. A instituição do sigilo da confissão data do quarto Concílio de Latrão e foi ratificada no Código de Direitos Canônicos como segue:

Cânon 2369 § 1 — “O confessor que tiver a ousadia de quebrantar diretamente o sigilo sacramental, fica excomungado com uma excomunhão reservada de um especialíssimo modo na Sede Apostólica; e aquele que faz só indiretamente, está sujeito às penas de que trata o cânon 2368, § 2; deve ser castigado, segundo a gravidade da culpa, com uma pena saudável (para benefício próprio), que pode ser até a excomunhão”.

Cânon 904 § 1 — “O sigilo sacramental é inviolável; guarde-se, pois, muito bem, o confessor de descobrir no mais insignificante o pecador, nem por palavra, nem por algum sinal, nem por qualquer outro modo e por nenhuma causa”.

Cânon 904 § 2 — “Estão da mesma forma obrigados a guardar o sigilo sacramental o intérprete e todos aqueles a quem de um modo ou de outro houvesse chegado a notícia da confissão”. (5)

O espaço não nos permite relatar histórias de padres que revelaram verdadeiro heroísmo a ponto de serem presos e submetidos a penalidades severas passando por culpados, apenas por não revelarem segredos dos fiéis, expostos na confissão.

A Posição do Pastor

Há em muitos aspectos, grande diferença entre a posição do Pastor e a do Padre. O Padre se reconhece um sacerdote. Nós reconhecemos a existência de um único sacerdócio verda-

(Pastor da
igreja de
Moema — SP.
Ass. Paulista)

deiro em *vigência*, ou sumo sacerdote que é Cristo, "segundo a ordem de Melquisedeque". E, mesmo atuando às vezes de forma parecida com a dos sacerdotes, somos colocados como ministros de Deus e não como sacerdotes.

As atribuições de um Pastor se subdividem em vários ramos, sendo o evangelismo reconhecido como o principal e o mais empolgante. Mas as almas trazidas para a igreja ficam muitas vezes à mercê do conselho pastoral. E o que é conselho pastoral? Paulo E. Johnson assim o define: "Aconselhar é uma relação sensível que surge da necessidade expressa de resolver as dificuldades por meio de uma compreensão emotiva e uma responsabilidade crescente". (6) É um trabalho muito profundo e não é fácil estarmos habilitados para ele. As ovelhas do rebanho do Senhor podem ficar doentes e precisam ser curadas. Nos momentos de angústia elas vêm ao Pastor esperando serem ouvidas com atenção. Esperam que ele se ponha no lugar delas, vivendo a experiência que elas vivem a fim de que possa ele compreender o significado de sua situação. O Pastor deve ouvi-las com a mente e o coração, procurando lançar mão de todos os recursos latentes para levá-las à vitória. Mas qualquer Pastor, por mais conhecedor que seja, está fadado ao fracasso se, confiando em sua sabedoria, não lançar mão do Recurso celeste.

"Nunca animeis outros a olharem para vós quanto à sabedoria. Quando os homens se dirigem a vós em busca de conselho, encaminhai-os Àquele que lê os motivos de todo coração. Deve penetrar em nossa obra ministerial um espírito diferente. Pessoa alguma deve agir como confessor; homem algum deve ser exaltado como supremo. Nossa obra é humilhar o próprio eu e exaltar a Cristo perante o povo". (7)

Vemos assim, pela pena inspirada, que não podemos confiar, nem levar outros a confiarem em nossa sabedoria. Não somos confessores; isto é posição de sacerdote, e só temos um sacerdote que é Cristo. Ele é quem tem o único remédio para a cura do pecado — Seu sangue. Ele é o único que pode penetrar no recesso da alma. Conduzir uma alma ferida a confiar

e descansar nEle, significa levá-la à única fonte que ralmente satisfaz. Mas embora o Pastor não seja confessor, ele age muitas vezes como confidente.

Não conheço nenhum código de ética escrito especialmente para o Pastor adventista. Médicos, advogados e padres o têm, mas dependeríamos somente do bom senso não fossem as informações oriundas de uma fonte superior — a Palavra de Deus — nossa única regra de fé e prática.

"O que encobre a transgressão adquire amor, mas o que traz o assunto à baila, separa os maiores amigos". (8) Nenhum Pastor é excomungado por revelar segredos dos membros, mas a penalidade do infrator é a perda do conceito e a separação de excelentes amigos. Há grande diferença entre perdermos amigos por gestos de fidelidade a Cristo e perdê-los por concorrer com erros injustificáveis como o de delatar.

Jesus escreveu na areia os pecados que coincidiam com os dos que acusavam a mulher pecadora, e cada um lia os seus próprio pecados. Surtiu melhor efeito escrever na areia do que se fizesse um discurso recriminando-os publicamente. Não escreveu em pedras mas na areia que facilmente seria apagada.

É bom lembrar também que houve recomendações de Jesus para que não fossem propagadas por algum tempo, notícias que em si mesmas não eram sigilosas e que se fossem anunciadas viriam a prejudicar o bom andamento de Sua obra.

"O sigilo sacramental está explicitamente determinado no Direito Eclesiástico, comunicando penas severas aos infratores. Em nenhum caso a obrigação do sigilo pode ser dispensada sem o consentimento livre do penitente".

BIBLIOGRAFIA

1. Eclesiastes 3:7.
2. Código de Ética Profissional, no Regimento Interno da Ordem dos Advogados, artigo 87, § V.
3. Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo — Lei N.º 3.268, de 30/9/1957.
4. Código Civil, art. 144.
5. Códigos de Direitos Canônicos. Versão castelhana, posta em dia por L. Miquely, S. Alonso e M. Cabreiros.
6. Psicologia da Obra Pastoral por Paulo E. Johnson — Complemento da Apostila do Prof. C. E. Wittschiebe, p. 6, § 22.
7. Mensagens Escolhidas, Livro 2 de E. G. White, p. 170.
8. Provérbios 17:9.

ESTÁ EM CRISE A PREGAÇÃO ?

A pregação está em crise, numa grave crise.

Stuart McWilliam, dirigindo-se aos alunos de várias escolas de teologia, escocesas, em sua apresentação das dissertações Warrack de 1968-1969, reconheceu que "nestes tempos há um receio generalizado, pondo em dúvida o valor da pregação e a confiança em seu poder".

Receio! Dúvida de seu valor! Confiança decrescente em sua eficácia!

A pregação faz frente a estes três aliados. Há ainda algo nocivo à pregação: a indiferença.

Em 1958 os 49% dos habitantes dos Estados Unidos assistiam, regularmente, cada semana, a algum lugar de culto. Em 1970 a assistência caiu para 42%. Mas quando a organização de estatística Gallup analisou, em 1971, o assunto com relação aos hábitos de um grupo representativo integrado por 7.543 adultos, comprovou que somente 40% iam à igreja. Se esta tendência para a deserção continuar durante os próximos vinte anos, a pregação será suprimida, ou, de qualquer forma, o pregador irá sentir-se só, percebendo que o eco de sua voz lhe será devolvido pelos bancos vazios.

Não há dúvida de que muito antes de nossa época houve quem se queixasse da apatia manifestada pelo homem com respeito à pregação. Edna St. Vincent Millay, nascida em 1892, fez referências à pregação, em termos que parecem tornar-se cada vez mais categóricos à medida que o tempo vai passando: "O homem de Deus", disse ela, "levanta-se diante da multidão, e em sua voz meliflua e calculada indiferença, apresenta o Evan-



ARTURO
N. PATRICK

gelho humilde aos orgulhosos. Mas ninguém atende. Suas palavras são como o vento que passa".

Por que a pregação está passando por uma crise tão séria?

O homem contemporâneo está tão saturado das bagatelas transitórias que têm criado a sua teologia, que não pode alçar a vida, erguendo-a de encontro ao céu. Eric Mascall descreve a miopia humana nas seguintes palavras:

"A tecnologia tem criado um clima psicológico que não nos leva àqueles aspectos da vida que identificam o homem como criatura de Deus. Tem exercido influência sobre a nossa mente no sentido de levar-nos a considerar o mundo como matéria-prima destinada a ser manipulada pelo homem e não para ser contemplado por nós em atitude de admiração".

"Não seria, talvez, a ameaça de morte da pregação o resultado de o homem ter tido um crescente interesse em sua pessoa? Se o homem nega a realidade de uma criação especial, deixa de crer no sobrenatural, exalta as inovações e menospreza as tradições da mensagem cristã. Sua pregação despertará escassa atração. O homem que se acha atrás do púlpito poderá ser o mais indicado, mas se a sua teologia na realidade não é mais que antropologia, e sua escatologia é desvirtuada, então para que preocupar-se em prestar atenção?

Os adventistas admitem que a pregação está correndo perigo, mas sentem que foram chamados para proclamar uma advertência solene contra as idéias otimistas que estabele-

cem, por hipótese, a perfeição do gênero humano mediante uma evolução. Crêem, deusas, que sua incumbência está retratada na missão do anjo visto por João, levando consigo o "evangelho eterno" para o proclamar "aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo". Mas estão convencidos de que desenlace exige um "testemunho a todas as nações", por meio de um Evangelho "pregado em todo o mundo".

Descobrimientos de Uma Pesquisa

Durante 1971, 105 pessoas responderam a algumas perguntas que lhes foram feitas depois de uma pesquisa sobre os métodos empregados para assegurar e manter um auditório em atividade evangelizadora.

As perguntas foram feitas entre os adventistas do sétimo dia. As respostas vieram dos diretores da Associação Ministerial, de Associações locais, de Uniões e da Associação Geral. Vieram também de homens que se mantêm em contato com as massas, tais como os oradores dos programas *Fé Para Hoje, Está Escrito* e a *Voz da Profecia*. Estes programas se estendem por todos os Estados Unidos e por toda a Austrália.

Em meu questionário pedia que dissessem algo sobre os métodos que contribuem mais eficientemente para manter um auditório durante um ciclo de evangelização. Como resultado os evangelistas fizeram anotações assinalando a cláusula "pregação bíblica, cristocêntrica" como a primeira em importância.

O evangelista adventista não nega que para transmitir a verdade deve-se empregar todo método eficaz. Conforme revelou a pesquisa há muitas técnicas que atraem o auditório e ajudam a mantê-lo. Ao mencionar as técnicas mais aplicáveis para conservar o auditório, os evangelistas indicaram que é essencial ter um programa cuidadosamente planejado para

manter o interesse dos adventistas. Foram mencionadas numerosas idéias, mas duas delas excederam em importância a todas as demais no que tange à conservação da assistência: "o programa de visitas" e a "pregação bíblica, cristocêntrica".

Resumindo, podemos dizer que apesar de tudo a pregação se acha em crise devido a numerosos motivos, sendo nosso dever conservar a assistência às reuniões de evangelização. E a pregação que consegue manter esse auditório é bem possível que estimule também a assistência à igreja.

Temos uma idéia clara da maneira como devemos pôr ênfase em nossa obra de evangelização. As instruções são: Empregar todo método válido, mas, acima de tudo, visitar e pregar.

Pregação Efetiva

Provavelmente seja mais fácil descobrir o "papel" da pregação, que os métodos que fazem dela um trabalho efetivo. Apresentamos algumas sugestões, crendo que merecem nossa atenção.

1. Para ser efetiva, a pregação deve ser bíblica. O pregador precisa apanhar toda informação, por todos os meios possíveis, a fim de chegar a uma melhor compreensão da Palavra de Deus.

Respondidas as interrogações da introdução bíblica, e tendo confirmado o significado da exegese mediante um exame à luz da história eclesiástica, estará o pregador preparado para relacionar essa verdade com a mensagem total da Escritura. Logo, quando toda essa investigação ficar condensada em sua mente, na forma de uma verdade diáfana e constrangedora, convertida numa experiência pessoal, estará ele, finalmente, preparado para ser instrumento do Espírito Santo e expor essa verdade com sinceridade e fervor diante de seus ouvintes.

É fácil deixar que os elementos da

investigação bíblica sejam menosprezados. Os conhecimentos do hebraico, obtidos no colégio, com muita frequência foram por mim relegados ao esquecimento em virtude da enorme atividade que a obra pastoral e evangélica têm exigido dos meus doze anos seguintes. No Seminário Teológico da Universidade Andrews, guiado pela experiência inspiradora de quem em vida foi o Dr. Alger F. Johns, tomei a decisão de não pregar jamais, baseado numa passagem do Velho Testamento, sem haver-me primeiro esforçado por compreender as palavras com que o Senhor achou conveniente que se registrasse inicialmente a Sua verdade. Sem dúvida, toda esta investigação bíblica, tão minuciosa, não é mais que — por comparação — a estrutura do transatlântico, que se encontra abaixo da linha de flutuação. Ela é que dá estabilidade ao navio, embora não seja vista.

Aguarda-se uma catástrofe no trabalho do Pastor que enaltece o seu talento de preferência a exaltar Aqule que é poderoso para salvar.

2. Para ser efetiva a pregação deve ser *crístocêntrica*. "Em toda página, seja de história, de preceitos ou profecia, as Escrituras do Antigo Testamento irradiam a glória do Filho de Deus". Esse esplendor pode ser compreendido de um modo ainda mais claro no Novo Testamento. A razão por que existem os adventistas do sétimo dia, pode ser compreendida na sua tarefa de esclarecer toda a mensagem da Bíblia sobre esse Deus que atualmente está fazendo com que Seu Santuário "surja victorioso", por meio de Cristo. Estamos convencidos de que a presente obra de Jesus é "uma grande verdade", e que quando se vê e compreende essa grande verdade, os que a mantêm trabalharão em harmonia com Cristo no sentido de preparar um povo que subsista no grande dia de Deus. Seus esforços terão êxito". O conteúdo destas palavras implica a promessa de que os mais gloriosos dias de pregação, estão ainda por vir para o grande movimento ad-

ventista, à medida que este movimento vai terminando a proclamação em todo o mundo.

3. Para ser efetiva a pregação deve ser contemporânea. Deve conter uma resposta atual que faça compreender os pontos essenciais das perguntas, esclarecendo as dúvidas angustiantes e perturbadoras. O pregador deve colocar-se na moldura do pensamento de seus ouvintes e estar familiarizado, por experiência própria com as influências dominantes que afetam a vida.

Há algum tempo examinei o conteúdo das seguintes publicações: *Reader's Digest*, *Newsweek*, *Life* e *Time*. Descobri que nestes meios de informação havia sido dado ênfase a mais de setenta temas diferentes. Alguns se referiam às principais inquietudes humanas: os filhos, a família, o matrimônio, a segurança, a felicidade. Outros eram assuntos que excitam a imaginação do homem. Todos estavam, até certo ponto, relacionados com a presente geração e a Palavra de Deus.

Para estar atualizado, o pregador deve ser conhecedor da natureza humana e sentir-se santificado. De que outro modo conseguirá submeter-se, inteligentemente, à direção do Espírito para tornar-se um catalizador e conseguir uma mudança da natureza humana? A visita constante o leva a sentir-se capacitado para moldar sua pregação não só às necessidades da humanidade em geral, como também das pessoas com quem está em contato diariamente. Suas palavras jamais desapontarão os ouvintes. Serão tão específicas que se ajustarão às necessidades reais das pessoas.

Temos mostrado que a pregação efetiva se origina num conhecimento cabal e experimental da Escritura e de Cristo, bem como no conhecimento dos homens a quem o Senhor veio salvar. Uma pregação desta natureza, movida pelo Espírito Santo, conservará o auditório tanto nas reuniões de evangelização como na igreja. O homem que não tem paz dará atenção a quem sabe qual o lugar que seus ouvintes ocupam no plano de Deus e a quem juntamente com Richard Baxter (1615-1691) pode dizer: "Prego como se cada vez fosse a última, e como se fosse um enfermo dirigindo-se a outros enfermos".

MINISTROS DA JUSTIÇA

“Nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros”.

Nosso Senhor Jesus Cristo veio a este mundo como o infatigável servo das necessidades do homem. “Tomou sobre Si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças”. (S. Mat. 8:17), a fim de poder ajudar a todas as necessidades humanas. Veio para remover o fardo de moléstias, misérias e pecados. Sua missão era restaurar inteiramente os homens; veio trazer-lhes saúde, paz e perfeição de caráter.

Várias eram as circunstâncias e necessidades dos que Lhe suplicavam o auxílio, e nenhum dos que a Ele se chegavam saía desatendido. Dele emanava uma corrente de poder restaurador, ficando os homens física, mental e moralmente sãos.

A obra do Salvador não estava restrita a qualquer tempo ou lugar. Sua compaixão desconhecia limites. Em tão larga escala realizava Sua obra de curar e ensinar, que não havia na Palestina edifício vasto bastante para comportar as multidões que se Lhe aglomeravam em torno. Nas verdes encostas da Galiléia, nas estradas, à beira-mar, nas sinagogas e em todo lugar a que os doentes Lhe podiam ser trazidos, aí se encontrava Seu hospital. Em cada cidade, cada vila por que passava, punha as mãos sobre os aflitos, e os curava. Onde quer que houvesse corações prontos a receber-Lhe a mensagem Ele os confortava com a certeza do amor de Seu Pai celestial. Todo o dia ajudava os que a Ele acorriam; à tardinha atendia aos que tinham que labutar durante o dia pelo sustento da família.

Jesus carregava o terrível peso de responsabilidade da salvação dos homens. Sabia que, a menos que hou-

vesse da parte da raça humana, decidida mudança de princípios e desígnios, tudo estaria perdido. Esse era o fardo de Sua alma, e ninguém podia avaliar o peso que sobre Ele repousava. Através da infância, juventude e varonilidade, andou sozinho. Todavia, estar-se em Sua presença, era um Céu. Dia a dia enfrentava provas e tentações, dia a dia era posto em contato com o mal, e testemunhava o poder do mesmo sobre aqueles a quem estava procurando felicitar e salvar. Não obstante, não vacilava nem ficava desanimado.

Em todas as coisas punha Seus desejos em estrita obediência à Sua missão. Glorificava Sua vida por torná-la em tudo submissa à vontade de Seu Pai. Quando, na Sua juventude, Sua mãe, ao encontrá-Lo na escola dos rabis, disse: “Filho, por que fizeste assim para conosco?” Ele respondeu — e Sua resposta é a nota tônica de Sua obra vitalícia: “Por que é que Me procuráveis? Não sabeis que Me convém tratar dos negócios de Meu Pai?” S. Lucas 2:48 e 49.

Sua vida foi de constante abnegação. Não possuía lar neste mundo, a não ser o que a bondade dos amigos Lhe preparava como peregrino. Veio viver em nosso favor a vida do mais pobre, e andar e trabalhar entre os necessitados e sofredores. Entrava e saía, não reconhecido nem honrado, diante do povo por quem tanto fizera.

Era sempre paciente e animoso, e os aflitos O saudavam como a um mensageiro de vida e paz. Via as necessidades de homens e mulheres, crianças e jovens, e a todos dirigia o convite: “Vinde a Mim”.

Durante Seu ministério Jesus dedicou mais tempo a curar os enfermos do que a pregar. Seus milagres testificavam da veracidade de Suas palavras, de que não veio a destruir, mas a salvar. Aonde quer que fosse, as novas de Sua misericórdia O precediam. Por onde havia passado, os que haviam sido alvo de Sua compaixão se regozijavam na saúde, e experimentavam as forças recém-adquiridas. Multidões ajuntavam-se em torno deles para ouvir de seu lábios as obras que o Senhor realizara. Sua voz havia sido o primeiro som ouvido por muitos, Seu nome o primeiro proferido, Seu rosto o primeiro que contemplaram. Por que não haveriam

de amar a Jesus, proclamar-Lhe o louvor? Ao passar por vilas e cidades, era como uma corrente vivificadora, difundindo vida e alegria. . . .

O Salvador tornava cada ato de cura uma ocasião para implantar princípios divinos na mente e na alma. Esse era o desígnio de Sua obra. Comunicava bênçãos terrestres, para que pudesse inclinar o coração dos homens ao recebimento do evangelho da Sua graça.

Cristo poderia ter ocupado o mais elevado lugar entre os mestres da nação judaica, mas preferiu levar o evangelho aos pobres. Ia de lugar a lugar, para que os que se achavam nos caminhos e atalhos pudessem ouvir as palavras da verdade. Na praia, nas encostas das montanhas, nas ruas da cidade, nas sinagogas, Sua voz se fazia ouvir explicando as Escrituras. Muitas vezes ensinava no pátio exterior do templo, a fim de os gentios Lhe poderem ouvir as palavras.

Tão dessemelhantes eram os ensinamentos de Cristo das explicações escriturísticas feitas pelos escribas e fariseus, que prendiam a atenção do povo. Os rabis apegavam-se à tradição, às teorias e especulações humanas. Muitas vezes o que os homens haviam ensinado e escrito acerca das Escrituras, era posto em lugar delas próprias. O tema dos ensinamentos de Cristo era a Palavra de Deus. Ele respondia aos inquiridores com um positivo: "Está escrito", "Que diz a Escritura?" "Como lê?" Em todas as oportunidades, em se despertando em amigo ou adversário qualquer interesse, Ele apresentava a Palavra. Proclamava a mensagem evangélica de maneira clara e poderosa. Suas palavras derramavam abundante luz sobre os ensinamentos dos patriarcas e profetas, e as Escrituras chegavam aos homens como uma nova revelação. Nunca dantes haviam Seus ouvintes percebido na Palavra de Deus tal profundidade de sentido.

A Simplicidade dos Ensinamentos de Cristo

Um evangelista como Cristo, não

houve jamais. Ele era a Majestade do Céu, mas humilhou-Se para tomar nossa natureza, a fim de chegar até ao homem na condição em que se achava. A todos, ricos e pobres, livres e servos, Cristo, o Mensageiro do concerto, trouxe as boas-novas de salvação. Sua fama como o grande Operador de curas espalhou-se por toda a Palestina. Os enfermos iam para os lugares por onde Ele devia passar, a fim de para Ele poderem apelar em busca de auxílio. Para aí iam também muitas criaturas ansiosas de Lhe ouvir as palavras e receber o toque de Sua mão. Assim ia de cidade a cidade, de vila a vila, pregando o evangelho e curando os enfermos — o Rei da glória na humilde veste humana.

Assistia às grandes festas anuais da nação, e falava das coisas celestes às multidões absortas nas cerimônias exteriores, trazendo a eternidade ao alcance de sua visão. Dos celeiros da sabedoria trazia tesouros para todos. Falava-lhes em linguagem tão simples, que não podiam deixar de entender. Por métodos inteiramente Seus, ajudava a todos quantos se achavam em aflição e dor. Com graça terna e cortês, ajudava a alma enferma de pecado, levando-lhe saúde e vigor.

Príncipe dos mestres, buscava acesso ao povo por meio de suas mais familiares relações. Apresentava a verdade de maneira que daí em diante ela estaria sempre entretida no espírito de Seus ouvintes com suas mais sagradas recordações e afetos. Ensinava-os de maneira que os fazia sentir quão perfeita era Sua identificação com os interesses e a felicidade deles. Suas instruções eram tão diretas, tão adequadas Suas ilustrações, Suas palavras tão cheias de simpatia e animação, que os ouvintes ficavam encantados. A simplicidade e sinceridade com que Se dirigia aos necessitados santificavam cada palavra.

A Ricos e Pobres Iguamente

Que vida atarefada levou Ele! Dia a dia podia ser visto entrando nas humildes habitações da miséria e da

dor, dirigindo palavras de esperança aos abatidos, e de paz aos aflitos. Cheio de graça, sensível e clemente, andava erguendo os desfalecidos e confortando os tristes. Aonde quer que fosse, levava bênçãos.

Ao passo que ajudava aos pobres, Jesus estudava também os meios de atingir os ricos. Procurava travar relações com o rico e culto fariseu, o nobre judeu e a autoridade romana. Aceitava-lhes os convites, assistia às suas festas, tornava-Se familiar com os interesses e ocupações deles, a fim de obter acesso ao seu coração, e revelar-lhes as imperecíveis riquezas.

Cristo veio a este mundo para mostrar que, mediante o recebimento de poder do alto, o homem pode levar vida impoluta. Com incansável paciência e assistência compassiva, ia ao encontro dos homens nas suas necessidades. Pelo suave contato da graça bania da alma o desassossego e a dúvida, transformando a inimizade em amor, e a incredulidade em confiança. . . .

Cristo não conhecia distinção de nacionalidade, posição ou credo. Os escribas e fariseus desejavam fazer dos dons celestes um privilégio local e nacional, e excluir o resto da família de Deus no mundo. Mas Cristo veio derrubar todo muro de separação. Veio mostrar que Seu dom de misericórdia e amor é tão ilimitado como o ar, a luz ou a chuva que refrigera a Terra.

A vida de Cristo estabeleceu uma religião em que não há castas, a religião em que judeus e gentios, livres e servos são ligados numa fraternidade comum, iguais perante Deus. Nenhuma questão política Lhe influenciava a maneira de agir. Não fazia diferença alguma entre vizinhos e estranhos, amigos e inimigos. O que tocava Seu coração era uma alma sedenta pelas águas da vida.

Não passava nenhum ser humano por alto como indigno, mas procurava aplicar a toda alma o remédio capaz de sarar. Em qualquer companhia em que Se encontrasse, apresentava uma lição adequada ao tempo

e às circunstâncias. Cada negligência ou insulto da parte de um homem para com seu semelhante, servia apenas para O fazer mais consciente da necessidade que tinham de Sua simpatia divino-humana. Procurava inspirar esperança aos mais rudes e menos promissores, prometendo-lhes a certeza de que haveriam de tornar-se irrepreensíveis e inocentes, alcançando caráter que manifestaria serem filhos de Deus.

Muitas vezes Jesus encontrava pessoas que haviam caído no poder de Satanás, e não tinham forças para romper os laços. A essas criaturas, desanimadas, doentes, tentadas, caídas, costumava dirigir palavras da mais terna piedade, palavras adequadas, e que podiam ser compreendidas. Outros se Lhe deparavam que estavam empenhados em luta renhida com o adversário das almas. A esses Ele animava a perseverar, assegurando-lhes que haviam de triunfar, pois anjos de Deus se achavam a seu lado e lhes dariam a vitória.

À mesa dos publicanos Ele Se sentava como hóspede de honra, mostrando por Sua simpatia e benevolência social que reconhecia a dignidade humana; e os homens anelavam tornar-se dignos de Sua confiança. Sobre seu coração sedento as palavras d'Ele caíam como bendito poder, vivificante. Novos impulsos eram despertados, e abria-se, para esses párias da sociedade, a possibilidade de vida nova.

Conquanto fosse judeu, Jesus Se associava sem reserva com os samaritanos, deitando assim por terra os costumes fariseus de Sua nação. A despeito de seus preconceitos, Ele aceitou a hospitalidade desse povo desprezado. Dormia com eles sob seu teto, comia à mesa deles — comparilhando da comida preparada e servida por suas mãos — ensinava em suas ruas, e tratava-os com a maior bondade e cortesia. E ao passo que lhes atraía o coração pelos laços de humana simpatia, Sua divina graça levava-lhes a salvação que os judeus rejeitavam. — *Obreiros Evangélicos*, pp. 41-47.

O Dr. Gerald Vhymeister, professor do *West Indies College*, de Jamaica nos enviou esta lista preparada enquanto ele lia o livro *Obreiros Evangélicos*. Isto pode servir de base para um auto-exame.

QUALIDADES DO OBREIRO EVANGÉLICO

1. Abnegação
2. Adaptação
3. Afabilidade
4. Afeto
5. Alegria
6. Amabilidade
7. Amor
8. Benevolência
9. Benignidade
10. Bondade
11. Calma
12. Companherismo
13. Compaixão
14. Confiança em Deus
15. Consagração
16. Consideração
17. Contrição
18. Cortesia
19. Decisão
20. Deferência
21. Devoção
22. Dignidade
23. Diligência
24. Discernimento
25. Discrição
26. Domínio próprio
27. Eficiência
28. Energia
29. Esforço
30. Esmero
31. Esperança
32. Exatidão
33. Fé
34. Fervor
35. Fidelidade
36. Firmeza de princípio
37. Franqueza
38. Generosidade
39. Gozo
40. Gratidão
41. Humildade
42. Independência
43. Integridade
44. Inteligência
45. Justiça
46. Laboriosidade
47. Lealdade
48. Mansidão
49. Misericórdia
50. Modéstia
51. Obediência
52. Oração
53. Paciência
54. Paz
55. Perseverança
56. Piedade
57. Prudência
58. Pureza
59. Refinamento
60. Reflexivo
61. Respeitoso
62. Responsabilidade
63. Reverência
64. Sabedoria
65. Santidade
66. Sensatez
67. Serenidade
68. Serviço — abnegado
— de amor
— humilde
— paciente
— santo
69. Simpatia
70. Sinceridade
71. Sociabilidade
72. Suavidade
73. Tato
74. Temperança
75. Ternura
76. Tolerância
77. Valor
78. Veracidade
79. Zelo pelas almas

CERTEZA QU

Deus dirige Sua Causa. Esta afirmação não é absolutamente uma esperança, mas uma certeza.

Na posse desta certeza é que milhares de abnegados e fiéis ministros em todos os tempos têm consumido sua vida na Causa de Deus.

Basta olhar um pouco para trás no tempo e não será difícil enxergar a figura dos pioneiros do movimento adventista.

Antes de mais nada, puseram sua vida em harmonia com os caminhos de Deus, com Seus ideais e normas, com Suas leis e padrões de vida. Entregaram-se, depois, à tarefa árdua de evangelizar em terras inóspitas e com os precários meios de transporte e comunicações da época. Fizeram-no cheios de gozo, reconhecendo o privilégio de conformar sua vida, em cada pormenor, com os caminhos e desejos do Senhor, e seguindo-Lhe o padrão de justiça e nobre viver.

As palavras de Paulo foram repetidas na experiência de quase todos os ministros adventistas: "Por cuja causa padeço também isto, mas não me envergonho; porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia". II Timóteo 1:12.

O êxito da organização humana da Causa de Deus, conforme os moldes divinos, desde os primórdios, deve-se em grande parte a esta certeza que possuíam os pioneiros.

Observando os ouvintes interessados, ensinando-lhes a doutrina bíblica, trabalhando para o benefício espiritual de milhares, obtinham a mais rica experiência e guia divina no seu trabalho ministerial.

Sentiam-se representantes de Deus e nos resultados de sua evangelização podiam discernir a mão abençoadora de Deus.

JOSÉ
ALFREDO
TORRES
PEREIRA

Levavam vida de intensa oração e profundo estudo das Escrituras, à medida que alargavam as fronteiras atingidas por sua poderosa pregação.

A despeito de passarem privações e sofrerem não pequenas provações, participaram da alegria de levar a mensagem aos grandes centros e aos pequenos recantos do país e em seguida aos quadrantes do mundo.

Almas famintas e sequiosas da Verdade receberam as boas-novas do Amor de Deus, por intermédio dos mensageiros do Senhor.

A existência de conflitos era-lhes real, mas o Espírito Santo os havia preparado para essa realidade. Os perigos enfrentados, a abnegação que lhes foi necessária, as contendas contra forças sobrenaturais, levaram-nos a buscar a sobrenatural ajuda. A batalha foi dirigida pelo representante do Capitão do Exército do Senhor — o Espírito Santo. Não padece dúvida quanto a existência de fraquezas, pecados e erros entre os ministros adventistas, mas resta a certeza de que "o poder da Onipotência acha-se empenhado em favor dos que confiam em Deus". — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 261.

A mesma coisa se pode dizer do ministério depois de 131 anos de atuação incansável em toda a Terra. Hoje mesmo a Verdade se repete. Se nos primórdios, na ocasião do grande desapontamento, e em muitas outras oportunidades houve os que sucumbiram de muitas maneiras, seria diferente hoje? Não. Ainda se trava a batalha do Bem e do Mal; ainda se enfrentam a Verdade e o Erro; ainda perdura o conflito entre Cristo e Satanás; ainda há vitórias e derrotas; ainda há ganhadores e perdedores; ainda há perseverança e desistência; ainda há os que estão sempre alerta e os que são tomados de surpresa pelo inimigo; ainda há os

PERMANECE

que têm a certeza de que Deus dirige Sua Causa e os que alimentam apenas a esperança de que assim seja; ainda há os que ficam de pé e os que caem; ainda há os que continuam e os que param. Portanto, não há razão para que alguém se desanime ou sinta receio, agora, "a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado". Isso tem que ver com a Causa de Deus e com cada ministro também. O maior atestado da direção divina na Causa Adventista é o modo como Deus tem obrado, enchendo-nos de admiração e de confiança na liderança de Cristo.

Permanece a certeza de que "a graça de Deus é para todos quantos a buscam em contrição". — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 261.

A inspiração deixa claro que do ministro é requerido "Um diário e sincero esforço para conhecer a Deus, e Jesus Cristo, a Quem Ele enviou". Uma consagração tal traria poder e eficiência à alma.

"O conhecimento obtido por meio de diligente exame das Escrituras, seria trazido, qual relâmpago, a iluminar a memória no momento oportuno. Mas se alguém houvesse negligenciado relacionar-se com as palavras de Cristo, se nunca houvesse experimentado o poder da graça na provação, não poderia esperar que o Espírito Santo lhe trouxesse à lembrança as Suas palavras.

"Deviam servir diariamente a Deus com não dividida afeição, e então confiar n'Ele". — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 263.

Consumir a vida na Causa de Deus é algo estranho hoje mais que outrora, aos olhos do mundo. Sim, do mundo que oferece um sem-número de atrações. A motivação para a carreira ministerial vem de cima. É isto que faz a diferença. Aqui

(Secretário
Departamental
de Mordomia
da APIASD)

embaixo há os acenos da glória, da fama, do ganho, das profissões enriquecedoras. Basta um olhar aos nossos filhos. Que profissão escolhem? Que carreira de estudos seguem?

Não é de admirar que o número de candidatos ao ministério diminua, se olharmos o assunto pelo prisma do imediatismo, das vantagens materiais. Mas, quando olhamos as coisas com os bons olhos da Fé, então podemos ver a missão do ministro como uma elevada honra e um sagrado depósito.

Esta visão espiritual, convenhamos, é o que tem faltado a muitos. Peçamos a Deus não nos falte jamais o Colírio que nos mantém os olhos bons, e a Visão perfeita. Instemos com Deus para que a certeza de Sua direção nos mantenha consagrados, deixando-nos consumir na Sua Causa.

PRECE

Senhor!

Incandesce em nossos corações o carvão da nossa sublime e privilegiada vocação.

Dá que permaneçamos chamejantes diante de Ti e aos olhos do mundo.

Faze que o poder incandescente do Espírito Santo sustente a chama sempre viva, do Teu corpo ministerial aqui e em toda a parte.

Permite que se inflamem nossos músculos, nervos, ossos, vasos e veias, e que se queimem as fibras de nosso coração.

Tudo seja para honrar-Te e glorificar-Te, Senhor! Tudo seja para exaltar Jesus,

AMÉM!

NOTAS BREVES

A França Menos Católica

Existem cerca de 45 milhões de católicos batizados na França, para uma população total de 52,5 milhões. Mas apenas 5,9 milhões, os que freqüentam a missa de domingo com assiduidade, podem de fato ser considerados católicos praticantes. Assim também na França, país de grande e muita antiga tradição católica, o catolicismo parece estar perdendo terreno. Porque há três anos apenas, o número de católicos praticantes era de aproximadamente 9,5 milhões. Para os padres franceses, "os números são catastróficos", e se a situação persistir, em dez anos as igrejas estarão praticamente vazias. Para os otimistas, no ano 2000 a França terá apenas 10% de católicos; para os pessimistas, ela não terá mais do que 1%.

Revista *Mais* Dezembro de 1975

Nova Bíblia Ecumênica

A primeira Bíblia traduzida para o francês por uma equipe ecumênica, acaba de ser publicada na França. Dr. Philip Potter e o Dr. Vissert Hooft, do Conselho Mundial de Igrejas receberam em 12 de novembro, durante um serviço especial de ação de graças no Centro Ecumênico de Genebra, cópias desta tradução realizada em 10 anos por cerca de 100 exegetas e tradutores protestantes, católicos e ortodoxos. A publicação também é ecumênica, feita pelas Editions du Cerf (Católica) e Editions Les Bergers et les Mages (protestantes) e Sociedades Bíblicas Unidas. — CEI, dezembro de 1975

Imprimatur Católico Sobre Pesquisa ASD, Relacionada com a Origem do Domingo

Um capítulo da tese doutoral de Samuel Bacchiocchi, professor assistente de religião na Andrews University, relacionado com a origem da observância do domingo, foi publicado em junho pela Pontifícia

Universidade Gregoriana, em Roma, com o imprimatur oficial Católico Romano.

O livro de 141 páginas, intitulado *Anti-judaísmo e a Origem do Domingo* é uma tradução do quinto capítulo da tese original italiana e foi publicado como parte dos requisitos exigidos para o doutorado da Pontifícia Universidade Gregoriana. Evidentemente esta é a primeira vez que uma pesquisa efetuada por uma pessoa que não é católica, defendendo uma tese que difere substancialmente da recente cultura católica, está sendo publicada com a aprovação oficial da Igreja Católica Romana.

Embora o livro seja uma parte da análise do complexo problema da origem da observância do domingo, trata-se apenas de um excerto da tese apresentada. Seu significado se prende ao fato de que faz referência ao papel desempenhado pela Igreja de Roma no sentido de levar ao abandono do sábado e à observância do domingo pela maioria da cristandade.

Exemplares do livro podem ser obtidos da *Andrews University Press, Berrien Springs, Michigan 49104*.

Foram impressos apenas 1.000 exemplares.

MUDOU DE ENDEREÇO?

Para que não se interrompa a remessa de O MINISTÉRIO ADVENTISTA, envie o seu novo endereço à Caixa Postal 34 — 09000 - SANTO ANDRÉ — São Paulo. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome

Endereço anterior

NOVO endereço